



## UMA VIDA EM IMAGENS

Juciana de Oliveira Sampaio<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho consta de uma análise sociológica sobre o documentário *Janaína Dutra: uma dama de ferro* (ALMEIDA, 2011). Objetiva perceber como a narrativa biográfica foi ali construída. Um dos eixos centrais é a problematização de como o documentário endossa a *ilusão biográfica* (BOURDIEU, 1996), construções sobre histórias de vida com a pressuposição de que esta é inseparável do conjunto de acontecimentos de uma existência individual, historicamente situada. Essa análise integra meu trabalho de tese, que aborda a construção dos sujeitos travestis em meio à heteronormatividade, analisando processos sociais de elaboração de conhecimentos, categorizações e práticas direcionadas a encerrar a experiência desses sujeitos em suas sexualidades e performances de gênero, focando a vivência de Janaína Dutra.

**Palavras-chave:** Janaína Dutra; Travesti; Heteronormatividade; Biografia.

No presente artigo pretendo realizar uma análise sociológica do documentário *Janaína Dutra: uma dama de ferro* (ALMEIDA, 2011), a fim de perceber como a narrativa biográfica foi ali construída. Além das imagens em movimento, o que não foi mostrado também receberá atenção, na medida em que “a interpretação exige uma leitura tanto das presenças quanto das ausências de um registro visual” (BAUER e GASKELL, 2008, p. 148). Essa análise integra meu trabalho de tese que visa abordar a construção dos sujeitos travestis em meio à heteronormatividade, analisando processos sociais de elaboração de conhecimentos, categorizações e práticas direcionadas a encerrar a experiência desses sujeitos em suas sexualidades e performances de gênero, tendo como foco a vivência de Janaína Dutra.

Nascida em Canindé/CE no ano de 1960, Janaína Dutra cursou Direito e se tornou a primeira travesti inscrita na OAB – Ordem dos Advogados do Brasil. Além de advogada, era ativista de movimentos sociais ligados ao segmento LGBTT, em especial ao movimento trans. Em 1989, se engajou no movimento homossexual do Ceará, ocupando o cargo de vice-presidência do GRAB – Grupo de Resistência Asa Branca de

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão – PPGCS/UFMA. E-mail: jucianasampaio@gmail.com

Fortaleza. Posteriormente fundou a ATRAC – Associação de Travestis do Ceará. Foi presidenta da ANTRA – Articulação Nacional de Transgêneros. Foi Secretária de Direitos Humanos (suplente) da ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis e membro do Conselho Nacional de Combate à Discriminação, da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, no qual atuou na elaboração do projeto *Brasil Sem Homofobia* – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra LGBT’s e de Promoção da Cidadania Homossexual. Foi ainda uma das primeiras travestis a colaborar com o Ministério da Saúde na elaboração da também primeira campanha de prevenção de HIV/AIDS direcionada às travestis, intitulada *Travesti e Respeito*. Ao longo de sua atuação política e social, Janaína participou de inúmeros eventos, congressos e seminários, de âmbito nacional e internacional, tendo ministrado palestras sobre direitos humanos, HIV/AIDS e experiência de travestis. Em decorrência de um câncer nos pulmões, morreu em 2004.

O “pioneirismo” de Janaína Dutra aparece como um elemento central em várias falas a seu respeito, retratada como uma precursora na luta pela conquista da cidadania plena de pessoas *trans*, a exemplo dos comentários de Almeida, diretor do referido documentário:

Janaína Dutra é uma história que necessita ser contada ao Brasil, pois sendo a primeira travesti a portar uma carteira da OAB também abriu tantas outras frentes para que o movimento LGBT e pessoas convivendo com HIV/AIDS pudessem se manifestar, enfrentar e conviver com dignidade no Brasil (ALMEIDA).<sup>2</sup>

Este novo filme, que conta a vida desta “Estrela Maior”, na verdade resume tudo que tenho feito até então, por Janaína ser pioneira em tantas coisas, em várias brechas do cotidiano, abrindo espaços, caminhando com os movimentos e elaborando no sistema do Ministério da Saúde as primeiras respostas aos enfretamentos do HIV/AIDS para as travestis. (...) Foram pilares construídos para combater tanta intolerância social e abrir portas para que novas pessoas, lideranças e travestis pudessem caminhar com mais liberdade. (...) foi uma das responsáveis para que esses “muitos” pudessem hoje em dia gozar de uma maior liberdade em relação à sua sexualidade (ALMEIDA).<sup>3</sup>

Como percebemos na fala de Almeida, Janaína é vista como uma “estrela maior”, uma “pioneira”, uma pessoa que “abriu brechas”, “portas”, “espaços”, como uma construtora de “pilares” para o fortalecimento de lideranças LGBTT e travestis em suas vivências diárias frente a tantos obstáculos e preconceitos.

Na pesquisa mais ampla, as imagens e informações contidas no documentário servem também como fonte de dados. Este trabalho configura-se, portanto, em uma

---

<sup>2</sup> Comentário feito por Almeida no site *A capa*, em razão da divulgação do documentário, na data 24/02/2011. Disponível em: <http://acapa.virgula.uol.com.br/cultura/documentario-resgata-historia-de-janaína-dutra-advogada-e-travesti/3/9/12825>. Acesso em: 20/08/2011.

<sup>3</sup> Em entrevista para o site *Santa Diversidade*, na data: 03/03/2011. Disponível em: <http://santadiversidade.blogspot.com/search?q=janaína%20na%20ADna>. Acesso em: 20/08/2011.

espécie de tratamento analítico da narrativa construída nesse vídeo. Outro ponto importante a ser frisado é que as técnicas de filmagem e demais aspectos referentes ao assunto não compõem o que será analisado. É uma análise eminentemente sociológica sobre o social construído.

Para tanto, dividi o texto em duas partes. A primeira é uma descrição da estrutura narrativa do documentário referente ao formato da história contada, baseada em uma linearidade composta por um começo, meio e fim. Para tanto, descrevi imagens mostradas, cenários, sequências de cenas, fotografias, pessoas que dão depoimentos, músicas tocadas e demais detalhes relevantes para a análise. A segunda consta de alguns aspectos referentes à produção do documentário. As informações deste último item foram obtidas de pesquisas na *internet*, na página pessoal do diretor e algumas entrevistas com ele, encontradas em outras páginas da *web*.

Para esclarecimento, me referi à Janaína Dutra ora como Janaína, ora como Jaime. A família de Janaína Dutra faz referência a ela sempre no masculino e pelo nome em que foi registrada, Jaime, no diminutivo, “Jaiminho”, ou acompanhado do segundo nome, “Jaime César”. A narrativa do documentário utiliza “Janaína Dutra”, “Janaína” e algumas vezes “Jana”, no feminino. Respeitei os momentos em que a família fez uso do nome no masculino e pessoalmente faço referência à Janaína pelo seu nome adotado, uma vez que ela assim se apresentou a mim e porque compõe a forma reivindicada por ela. Segundo Cardozo (2007):

Há, pois, uma lógica que permite algumas pessoas chamar as travestis pelo nome masculino, ao passo que retira de outras esta possibilidade de tratamento, na medida em que a mesma passa a ser considerada uma forma de violência simbólica, pela violação ao direito de reconhecimento da feminilidade (CARDOZO, 2007, p. 242)

Nesse sentido, compreendo com mais ênfase o que Butler (2003) diz a respeito da *performatividade* do gênero. Não é “o que alguém é” que compõe o gênero, mas uma série de normas que vão construindo o que se entende por pertencer ou ser de determinado gênero. Compondo essas normas de gênero, a posição que ocupa uma travesti na estrutura familiar também corrobora na *performatividade* do gênero. Ser “filho”, “irmão”, “tio”, “pai”, como veremos adiante, são *performatividades* atualizadas pelos sujeitos nas dinâmicas de cada família. Para mim ou qualquer outra pessoa que conheceu Janaína Dutra depois de iniciado seus processos de travestilidade, seria uma violência não se referir a ela pelo nome que adotou. Já para seus familiares e mesmo para as gerações posteriores que são socializadas naquele meio que se refere à ela pelo

nome de registro é possível fazer essa referência no masculino, sem abalo na construção de sua identidade.

## 1 Janaína Dutra: uma dama de ferro

*Janaína Dutra: uma dama de ferro*, documentário com 50 minutos de duração, foi produzido no ano de 2011, com direção de Vagner de Almeida e produção do GRAB – Grupo de Resistência Asa Branca, de Fortaleza/CE, do qual Janaína fez parte.

Pela sinopse do documentário, já temos uma pequena amostra de como Janaína Dutra será retratada:

Um ser para lá de humano. Cheio de luz e beleza. Divinizado e profano... ‘Em fevereiro de 2004 falecia em Fortaleza, aos 43 anos de idade, a advogada Janaína Dutra Sampaio. O movimento da diversidade sexual brasileiro perdia uma de suas ativistas mais importantes, instalando-se um grande vazio. Entre muitas atividades em que esteve envolvida ao longo de sua vida, Janaína colaborou com o Ministério da Saúde na elaboração da primeira campanha de prevenção do HIV/AIDS entre travestis. Este filme conta a história de vida e luta política de Janaína Dutra. Amigos, amigas e familiares relembram fatos e momentos da vida de alguém que, com muita coragem e sabedoria, soube mobilizar a resistência e a luta das travestis por seus direitos humanos”.

O documentário inicia com a imagem de um lugar com vegetação seca. Segundos depois, começa um barulho de chuva acompanhado de trovões e a imagem da seca dá lugar a um céu nublado, escurecido. A câmera fecha em gotas de água. Um fundo escuro surge com o nome de Janaína Dutra Sampaio e as datas de nascimento e morte (1960-2004) aparecem como se estivessem sendo datilografadas. Mirtes, descrita como ativista pelos Direitos Humanos, aparece sentada em um banco em frente ao hospital em que Janaína faleceu. Dá então início a descrição do último dia de vida de Janaína. Segundo ela, a tarde de sua morte foi chuvosa. Talvez a imagem da chuva na cena que antecede, faça referência à esse dia. No final de sua fala, a música interpretada por Maria Bethânia, intitulada *Invocação*, é o pano de fundo que confere dramaticidade à cena. O fundo preto reaparece dessa vez com um poema de Glauco Matosso, surgindo também letra por letra, como se fosse pausadamente datilografado em antigas máquinas de escrever:

*Nos ensinaram a carregar hasteada a frente a bandeira do pênis.  
Nos ensinaram a carregar atrás um ânus com armadura.  
Nos ensinaram assim a carregar meia vida á frente e meia morte atrás.*

Em seguida aparece uma foto de Janaína, antes das transformações corporais, usando cabelos curtos e camisa de botão. Essa imagem dá lugar a outra foto de Janaína, depois de algumas transformações, usando maquiagem, cabelos longos, tiara e flores

presas à orelha. Algumas pétalas de flor começam a cair por cima dessa imagem, como efeitos especiais. A seguir, a mesma foto é ampliada, revelando seu corpo arredondado semi-nu, coberto apenas por uma calcinha de finas tiras. No canto direito da foto, parte de baixo, em direção à sua genitália, tem um pênis de borracha, significando possivelmente que aquele membro não pertence mais àquele corpo. Outra foto dá sequência a essa: Janaína produzida com um vestido preto de festa, boá bege, sandálias douradas de salto, luvas pretas quase na altura dos cotovelos, sentada ao chão. Essas imagens não são narradas verbalmente, vêm acompanhadas apenas da música entoada por Maria Bethânia e composta por Chico César:

Deus dos sem deuses,  
Deus do céu sem Deus  
Deus dos ateus  
Rogo a ti cem vezes  
Responde quem és?

Serás Deus ou Deusa?  
Que sexo terás?  
Mostra teu dedo, tua língua, tua face  
Deus dos sem deuses.

A fala do narrador só começa na cena posterior, tendo como ponto de partida o ano de nascimento de Janaína, 1960, com imagens antigas, em preto e branco, da cidade de Canindé/CE, local ela onde nasceu. Aparecem novamente imagens da vegetação seca e fotos panorâmicas da cidade, com a basílica ao centro, chamando atenção para a religiosidade do município cujo padroeiro é São Francisco de Assis. Mostra a certidão de nascimento de Janaína, com o nome Jaime César Dutra Sampaio. Aparecem fotos de Janaína, dos irmãos ainda crianças e adolescentes, da mãe tomando banho em um rio, parecendo passar a ideia de uma infância simples e feliz. A seguir, uma imagem de São Francisco de Assis. Outra foto de Janaína, ainda criança, sentada em uma espécie de mureta, com uma vegetação e um rio atrás.

A sequência de fotos dá lugar a gravações feitas na casa de Dargenira, mãe de Janaína, a mesma onde esta viveu até ir morar em Fortaleza. Ela caminha em direção a câmera, ao longo de um corredor e começa a falar sobre “seu filho”, parada em frente ao mural de fotos da família fixado na parede da sala. Maria Beliza, irmã de Janaína, é a próxima a falar sobre “Jaime” e a proximidade que tinham desde a infância. Fala ainda da rotina que tinham as irmãs, que ficavam encarregadas de cuidar “dele”<sup>4</sup> enquanto a mãe trabalhava os três expedientes. Dargenira Maria, outra irmã, fala que “ele” era uma

---

<sup>4</sup> Janaína era a mais nova de 10 irmãos. Os dois mais velhos eram homens. Depois vieram sete irmãs e por último, Janaína.

diversão para todos da família. A irmã Conceição de Maria também fala sobre o bom humor do “irmão” durante a infância e de hábitos como desfile e maquiagem. As falas das irmãs vão se intercalando de forma a passar a ideia coerente de que desde a infância o “irmão” já se identificava com elementos relacionados ao que entendemos como pertencentes à feminilidade, como “pintura”, desfile, carinho e que ninguém, nem mesmo os pais, se incomodavam, pelo contrário, se divertiam muito com o caçula bem humorado e divertido.

Passados os relatos iniciais, imagens de fotografias reaparecem, bem como o discurso do narrador. Seguem fotos da infância e da adolescência, em formato 3x4, todas com Janaína de cabelos curtos e camisas tidas como masculinas, com modelos clássicos de botão e gola armada. Fotos dela em Canindé/CE com outras pessoas, amigos ou primos, em festas, possivelmente de carnaval. Essas fotos reforçam a ideia de infância feliz e sem conflitos em uma cidade do interior do Nordeste brasileiro. À medida em que aparecem fotos de Janaína mais velha, percebemos algumas mudanças visuais, como *shorts* mais curtos, blusas mais cavadas e justas. Nas fotos de Janaína já adolescente, ela aparece fumando e com cabelos mais compridos. Essa sequência de fotos é interrompida pelo relato da irmã Dargenira Maria (Tatá), que diz que nesse período descobriram a homossexualidade do “Jaime”, mas que a família não se sentiu constrangida. A outra cena mostra a mãe falando novamente, com foco nas suas mãos envelhecidas pelos então 90 anos de idade, revelando o uso da aliança na mão esquerda e atestando fidelidade ao laço matrimonial mesmo depois da viuvez. Atrás de Dargenira notamos uma imagem de Nossa Senhora. Aqui podíamos fazer uma analogia entre as mães que padecem com seus filhos. Nesse momento da narrativa, é focado a cumplicidade e identificação entre Janaína e sua mãe. Aparece uma foto delas juntas, Janaína ainda adolescente. O narrador passa então a falar sobre a relação de Janaína com o pai, também abordada como tranquila, sem conflitos, na qual respeito e compreensão predominavam. Mais fotos de Janaína fumando, com cabelos longos e mais claros, usando roupas mais informais, maquiagem, bijuterias, vestido, xale. Uma foto dos pais, nesse ínterim.

Depois de abordar a relação de Janaína com sua família, predominando a mensagem de aceitação familiar, a própria Janaína aparece falando em um vídeo gravado no ano de 2000, no Rio de Janeiro/RJ, confirmando o apoio da família. Esse vídeo foi cortado, editado e mostrado em vários momentos do documentário. A cena

que segue é de Dargenira, dessa vez falando a partir das fotos do seu mural até chegar na saída voluntária de Janaína de casa, aos 17 anos de idade.

Nesse ponto, há um corte da vivência de Janaína em Canindé/CE, momento em que o documentário passa a abordar sua mudança para a capital do Estado, Fortaleza, como uma busca por conhecimento e independência financeira. Para demarcar essa mudança, imagens contrastantes são expostas. A primeira, representando Canindé/CE e o interior do Estado, com uma foto envelhecida, em preto e branco, de uma estrada de chão, sem asfalto, sem movimento e novamente com vegetação seca. A outra, de uma imagem em movimento, colorida, de uma estrada asfaltada, vegetação verde, como motos e carros passando, representando o “progresso”, a mudança radical efetuada por Janaína ao sair do interior para a capital, na medida em que o narrador fala que isso possibilitou sua “liberdade sexual” e início de transformações corporais. Começam a aparecer fotos de Janaína de maiô, mostrando formas corporais mais arredondadas, cabelos longos, menos ondulados, flor no cabelo (mais uma vez), com amigos, dentre eles travestis, todos na praia. Outra foto mostra seus seios desnudos, já crescidos, outras brincando e se divertindo com amigos na praia, seminua e fumando.

O narrador passa a falar sobre preconceitos, pela primeira vez no documentário, como se ele tivesse vindo junto com todas essas transformações. Janaína não está mais no aconchego protetor da família, em Canindé/CE. Outras fotos dela com amigos, em festas noturnas, vestida com roupas tidas como femininas.

Nesse ponto, para confirmar mais uma vez o apoio familiar, Janaína aparece no vídeo já citado falando sobre o apoio familiar, em especial sua mãe, dava quando ela sofria discriminação. Cita um episódio na faculdade em que foi vestida de saia e foi chamada pela coordenação para prestar esclarecimentos. A mãe teria a acompanhado para intervir junto à coordenação. Na cena seguinte, Dargenira cita uma frase atribuída a Charlie Chaplin: “Não se mede o valor de um homem pelas suas roupas ou pelos bens que possui. O verdadeiro valor do homem é o seu caráter, suas ideias e a nobreza dos seus ideais”, fixada em um painel na parede de sua casa, pela própria Janaína. A cena parece uma confirmação do que Janaína havia falado no vídeo. É travado um nítido diálogo entre mãe e “filho”, traspassando barreiras temporais e espaciais.

Após, o documentário procura responder como Janaína, depois de todas essas mudanças, retorna a Canindé/CE. O narrador diz que ela se tornou uma estranha em sua própria cidade. Manoelzinho, amigo de infância, nos responde que “ela causou um impacto muito grande”. Afirmções que remetem aos conflitos que Janaína teria

enfrentado ao deixar de ser homossexual para ser travesti, atitudes incompreensíveis frente aos valores da cidade interiorana.

A narrativa volta para Fortaleza/CE. Foca na fachada da casa de Janaína e Celina, sua irmã. Em seguida, em fotos da formatura de Janaína em Direito e em imagens da UNIFOR – Universidade de Fortaleza (Fundação Edson Queiroz), onde ela se graduou. Ao fim da sequência, mostra imagem da carteira da OAB de Janaína. Nessa carteira, Janaína está de cabelos longos e com mechas loiras, maquiada e usando paletó e gravata, roupa exigida para homens, a partir de determinação do Conselho Federal da OAB. Para mulheres, em outra via, é exigido o uso de “trajes condizentes com a dignidade da profissão”. A carteira leva o nome de Jaime César Dutra Sampaio, contrariando narrativas que se referem à Janaína como a primeira travesti inscrita no quadro da OAB tendo sua identidade feminina respeitada.

Ultrapassada a sequência de fotos, Celina de Fátima, irmã com quem Janaína morou em Fortaleza/CE, fala sobre o percurso da convivência, marcado por conflitos no início até o encontro de um equilíbrio. Depois, falam os filhos de Celina, Helano e Lívia, que se referem a Janaína como “tio Jaime” e dizem que “ele” foi sua referência paterna. Maria Angélica, outra irmã, também dá seu depoimento.

Uma espécie de capítulo no documentário se inicia, chamado: “Válida em todo território nacional”, no qual vários documentos de Janaína são mostrados, todos com o nome de “Jaime César Dutra Sampaio”, com exceção da carteira do Programa de Prevenção a AIDS do GRAB, no cargo de supervisor, em que o nome “Janaína” vem entre parênteses, depois do seu nome de registro. Com esse título podemos supor que a intenção era relacionar seus registros documentais com o exercício da cidadania, no qual ela teria livre trânsito e reconhecimento pelo país, mas, assim como na carteira da OAB, sua identidade enquanto travesti não era destacada.

Depois desse capítulo, começa a abordagem de Janaína como engajada em movimentos sociais. Aparece uma foto dela participando de um evento, falando ao microfone. Logo a seguir, aparece uma foto de uma travesti seminua na rua. O narrador fala que Janaína era uma travesti “diferenciada”, pois nunca se prostituiu. Mais uma vez o documentário usa imagens que contrastam para impactar e enfatizar a imagem que intenciona passar. Fotos de Janaína com outras travestis aparecem. A impressão que passa é que nesse momento de sua vida a sociabilidade com travestis teria aumentado. Aparecem fotos de algumas travestis, intercaladas com fotos de Janaína, nesse



momento, sempre ao microfone. Mais fotos, dessa vez de Janaína junto a outras travestis, em festas, em concursos de *Miss Gay*, na noite, tomando cerveja.

Jairo Irineu, amigo e cabeleireiro, então fala sobre a criação da ATRAC – Associação de Travestis do Ceará. Aparecem imagens de materiais produzidos pela associação. Fotos de Janaína em cursos de informática oferecidos pela ATRAC às travestis, usando o computador junto às demais.

Outro recorte do vídeo de Janaína é mostrado, dessa vez o trecho em que ela fala sobre sua atuação enquanto advogada. Mais fotos de Janaína participando de encontros e congressos são exibidos.

Álvaro, descrito como amigo, fala sobre um episódio em que Janaína teria sido presa, no qual ela mesma fez sua petição de *habeas corpus* e foi liberada. Nesse momento, ele deixa a entender que Janaína jogava com comportamentos masculinos para legitimar sua profissão de advogada, uma vez que teria usado um terno para enfrentar a delegada naquela ocasião.

Imagens da sede do GRAB aparecem, bem como do auditório que leva o nome Janaína Dutra, situado nessa associação. Francisco Pedrosa, então presidente do grupo, fala. Aparecem imagens de Janaína no GRAB e com Francisco Pedrosa, do ano de 2000. Foto de Janaína sentada em uma escadaria, participando de uma manifestação na rua, juntamente com outras pessoas. Foto de Janaína com Maria Berenice Dias, jurista renomada na área de direitos *homoafetivos*, termo que cunhou.

As próximas pessoas a falar, são: Michelle Meira, Keila Simpson, Orlaneudo Lima, Tassiana e Alexandre Câmara Vale. Aparecem recortes de jornais tendo Janaína como destaque. Um deles tem o título: “O nobre colega é dama de espadas”.

João Alfredo, vereador da cidade de Fortaleza/CE, fala sobre a criação da Lei Municipal n.º 9548/2009, que institui a *Semana Janaína Dutra* nas escolas da rede pública municipal de ensino daquela capital. Francisco Pedrosa volta a falar sobre a influência de Janaína na criação de algumas leis municipais, ainda em vida. Essa é uma forma de relacionar o ativismo de Janaína com sua profissão.

As travestis Renata Sampaio e Dediane falam na sequência. A primeira intitulada “filha de Janaína”, pois teria estabelecido uma relação de aprendizado com ela. A outra não chegou a conhecê-la, mas também considera uma referência de militância e de fortalecimento de sua autoestima. Fotos de travestis e da própria Janaína com seios à mostra. Manoelzinho fala sobre quando Janaína chegou em Canindé/CE com seios crescidos.

Assuntos sobre relacionamentos amorosos passam a ser abordados. Aparecem fotos dela com alguns homens e Cláudio Portela, ex-namorado, apresentado no documentário como “amigo e poeta”, dá seu depoimento. Por ele ter dado seu depoimento nesse momento da narrativa, é possível, para o expectador distante, relacioná-lo enquanto um dos namorados que Janaína teve, mas a ocultação desse fato, mostrado apenas implicitamente, pode demonstrar que esse não é o foco do documentário. Janaína não é vinculada amorosamente a nenhuma pessoa. O narrador cita uma frase que teria sido dita por ela: “Eu, geralmente, sou uma dama benemerita em termos da sexualidade. Fiz e faço sempre de graça. Faço doação do amor. Sou uma pessoa dada aos homens que amo. Sou oferecida. Sou facinha”.

A narrativa volta a bordar o tema recorrente da relação familiar. Nesse momento, faz referência a alguns membros da família que a discriminavam. Mais uma vez o silêncio é significativo. Somente as irmãs de Janaína falam. Ela teve dois irmãos, um já faleceu e o outro sequer foi citado. A ausência dessas pessoas no documentário pode estar relacionada a essa discriminação apontada.

Entretanto, essa questão não se alonga no vídeo produzido, que passa logo a abordar a relação de Janaína com o Estado. Fotos de Janaína em manifestações na rua se repetem. Uma espécie de confronto desigual é retratada, mas a imagem de Janaína combatente prevalece, devido a sua insistência frente aos obstáculos.

Sem se alongar nessa questão, já bastante enfocada, imagens de fitas de promessas da cidade de Canindé/CE surgem para introduzir o tema da religiosidade. Aparecem ainda imagens de Jesus na cruz, de orixás se intercalando com imagens de Nossa Senhora segurando o Menino Jesus. Aparece uma imagem de uma igreja, em Canindé, com uma música de terreiro ao fundo. Imagens do comércio religioso de Canindé. Imagem de São Francisco de Assis. Essas imagens remetem a várias matrizes religiosas, indicando que Janaína não era adepta de uma religião específica. Ela própria seria uma expressão de divindade: “Era uma deusa no reino terrestre”, diz o narrador.

Álvaro reaparece falando que Janaína frequentava seu terreiro e o apoiava muito na realização das atividades concernentes e no enriquecimento de informações sobre o “movimento de terreiro”. A fala de Álvaro é usada para complementar a ideia da narrativa anterior, de que ela seria uma divindade, quando afirma: “Nas festas, era honra, tanto a chegada dos orixás, quanto a chegada de Janaína”.

Em seguida, o foco volta a ser a mãe, Dargenira, que agora relaciona o trabalho de Janaína enquanto advogada a atitudes cristãs. Aqui a narração ganha dramaticidade.

As irmãs aparecem emocionadas, falando sobre o potencial intelectual de Janaína e sobre o seu perfeccionismo, principalmente ao elaborar uma porta coberta por colagens, uma de suas práticas favoritas.

Já direcionando para a parte final do documentário, sua morte passa a ser o assunto central. Aparecem imagens do cemitério em que foi enterrada, em Canindé/CE. Fotos do seu caixão sendo carregado, do seu velório com familiares e amigos ao redor. Por cima do caixão de Janaína, uma bandeira do GRAB, revelando uma presença do grupo em vários momentos de sua vida ou, pelo menos, nos que foram abordados. Imagens do seu enterro e do seu túmulo.

A estrutura narrativa do documentário completa seu ciclo, começou com Mirtes e termina com ela, na descrição que faz do dia da morte de Janaína. Passa a ideia que uma vida tão movimentada, intensa e combativa não podia acabar do nada. A fala de Mirtes é espiritualizada. Fala como se estivesse conversando com Janaína.

Por fim, Dargenira aparece, sentada à mesa, em sua casa, rodeada por pessoas que participaram do documentário, falando que dos filhos que teve, Janaína foi a que mais gostou. Único momento em que se refere ao filho como Janaína, talvez porque os demais presentes, com exceção dos familiares, assim a tratavam. A imagem de Dargenira, por meio de efeitos especiais, recurso de fusão de imagens, se transforma em uma imagem de Janaína, sugerindo uma identificação mãe-filha.

Várias pessoas que participaram do filme mandam beijos, abraços, deixam mensagens a Janaína, todos/as emocionados/as. A música “Invocação” cantada por Bethânia ajuda a carregar emocionalmente as cenas.

Num fundo escuro, aparece uma imagem de Janaína com um vestido armado, remetendo a figurinos de “damas” do século XVIII/XIX, segurando uma sombrinha de renda e usando luvas. Outras imagens de Janaína, com roupas mais decotadas, vão surgindo. A última cena do documentário é a do rosto de Janaína sobreposto a uma chama que vai se apagando, por meio de efeitos especiais.

## **2 Representações sobre a vivência de Janaína Dutra pelo documentário**

A partir do título do documentário, Janaína é retratada como “distinta (dama) e resistente (ferro)”, fazendo alusão também à imagem fálica do pênis (o ferro) em contraposição ou em complemento à feminilidade da “dama”.

Entendo o documentário, bem como outros tipos de produção visual, como uma representação social que, no dizer de Becker, serve como instrumento para resumir

dados e ideias (BECKER, 2009, p. 67). Nesse sentido, não quis encontrar a “verdade” do documentário *Janaína Dutra: uma dama de ferro* ou para além dele, tampouco desvalidar o material que foi produzido, uma vez que as Ciências Sociais não possuem o monopólio do conhecimento sobre o social (BECKER, 2009). Esse texto é somente uma interpretação dessa representação.

Na perspectiva do referido autor, a diferença entre as Ciências Sociais e o *documentário* é que este último consiste em uma forma não científica de representar a sociedade, enquanto que as Ciências Sociais pretende-se possuidora desse caráter. O gênero cinematográfico de tipo documentário tem como característica a tomada de partido, demarcando quem são os heróis e os vilões, apontados pelo próprio narrador. Existem ainda distorções, omissões, não com o intuito de enganar os telespectadores, e sim de produzir uma “verdade”, diferentemente dos filmes que são obras de ficção.

Sendo, então, representações do social, os documentários não são feitos de maneira neutra e objetiva. Eles são uma curta versão de determinado assunto, feito por meio de montagens, seleção de cenas, de falas e momentos, que conduzem os *usuários* a concluir a versão selecionada. Usa artifícios cinematográficos para fazer com que os usuários acreditem que o que veem é “verdade”. Entre esses artifícios e truques com forças insidiosas, encontram-se vozes peremptórias, ao fundo. Para Becker devemos desconfiar dessa voz em *off* que nos diz algo (BECKER, 2009, p. 134). “Os produtores incorporam em sua obra razões para que os usuários aceitem o que apresentam como verdade” (BECKER, 2009, p. 113).

Para um melhor entendimento dessas questões, é necessária a investigação de quem são os *usuários* e os *produtores* dessas representações sociais, no dizer de Becker. Começando pelos *produtores*. O documentário foi produzido pelo GRAB e dirigido por Vagner de Almeida. Essa produção se deu em função da comemoração de 22 anos de fundação do grupo<sup>5</sup>.

Vagner de Almeida é diretor de filmes e de teatro. Neste último, atua também como crítico. É ainda ativista, escritor, fotógrafo, pesquisador e ator. Coordena o projeto *Juventude e Diversidade Sexual*, na ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS. Atualmente é *Staff Associate Mailman School of Public Health Columbia University and Center for Gender, Sexuality & Health*. Assim descreve sua atuação:

---

<sup>5</sup> [http://www.grab.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=129:estrela-nacional-dia-12-de-maio-de-2011-quinta-feira-fortaleza-ceara-&catid=32:home&Itemid=44#comment-55](http://www.grab.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=129:estrela-nacional-dia-12-de-maio-de-2011-quinta-feira-fortaleza-ceara-&catid=32:home&Itemid=44#comment-55). Acesso em 23.11.2011.

“Meu trabalho tem sido focado na construção da cultura social de gênero e sexualidade, aspectos sociais do HIV/AIDS, e a relação entre a exclusão social, saúde e doença”.<sup>6</sup>

A direção de Almeida pode estar relacionada ao seu envolvimento com a militância LGBTT e com produções fílmicas anteriores que abordam essas questões. Almeida também mantinha relações de proximidade com Janaína, se referindo a ela como uma das melhores amigas que teve<sup>7</sup>. Essa proximidade é revelada na narrativa construída no documentário e expressa em momentos em que ela é referida como “Jana”, por exemplo. Na entrevista citada, ao ser perguntado: “Por que Janaína Dutra é uma história que necessita ser contada ao Brasil? Quem foi Janaina segundo Vagner de Almeida?”. Ele responde:

No Brasil temos um legado muito triste de esquecermos a história e, com isto, deixamos que pessoas tão importantes como Janaína Dutra sejam engavetadas para sempre, desaparecendo os feitos e as realizações positivas dessas pessoas.

Janaina foi uma das minhas melhores amigas, pois juntos tecíamos muitas colchas de retalhos da vida. Jana foi uma verdadeira “Mulher Rendeira” que trançava rendas de tantas outras vidas e criando essa rede de solidariedade, amor e carinho por seus iguais e semelhantes. Sempre luz, amava jazz, falante, risonha, educada e guerreira. Uma brava humana, que com muita garra e coragem enfrentou muitas buchas de canhão. De cabeça erguida e muita determinação fez de sua vida um estandarte de ações positivas.

Quanto ao significado do documentário na produção geral do cineasta, diz:

Todos os meus filmes necessitam fazer pontes uns com os outros, pois é a minha linha de trabalho e a forma de pensar. Gosto de ousar entre pontes, intercalando as histórias e as vidas dos protagonistas que busco mostrar, como sendo uma rede social, onde todos de certa forma dão as mãos e suas vidas em algum ponto se cruzam nesta interseção do existir, dentro de um sistema que merece ser reinventado.

Este novo filme, que conta a vida desta “Estrela Maior”, na verdade resume tudo que tenho feito até então, por Janaína ser pioneira em tantas coisas, em várias brechas do cotidiano, abrindo espaços, caminhando com os movimentos e elaborando no sistema do Ministério da Saúde as primeiras respostas aos enfrentamentos do HIV/AIDS para as travestis.

Ela não deixaria jamais de fazer parte dessa ponte. Foram pilares construídos para fortalecer tanta intolerância social e abrir portas para que novas pessoas, lideranças e travestis pudessem caminhar com mais liberdade. Meus filmes anteriores falam de solidariedade e direitos humanos, do HIV/AIDS, de jovens HSH – homens que fazem sexo com homens – de crimes de ódio contra a comunidade LGBT, e Janaína está simbolicamente inserida em todos os meus filmes.

Percebo então que a relação entre Janaína e Vagner de Almeida é por ele descrita como estreita, portanto o documentário seria um reflexo disso. É reflexo também do entendimento que o cineasta faz desse trabalho e dos demais como compondo sua trajetória no cinema relacionada ao seu ativismo político.

Tais questões podem falar muito sobre a ênfase que foi dada ao ativismo de Janaína no documentário e à positividade da experiência dela expressada pela harmonia

---

<sup>6</sup> Informações retiradas da página do diretor: <http://www.vagnerdealmeida.com/principal.htm>. Acesso em 05.10.2011.

<sup>7</sup> <http://santadiversidade.blogspot.com/search?q=jana%C3%ADna>. Acesso em 03.10.2011.

familiar. Um ponto de vista predominante no documentário é, então, o da militância, de grupos que reivindicam o reconhecimento de seus membros e buscam instrumentos que ajudem na legitimação que o grupo visa conquistar e difundir. A produção do material é estratégica (comemoração do aniversário do grupo), pois também divulga o trabalho e traz mais visibilidade ao grupo.

Contudo, essa não é a única perspectiva do documentário. Na medida em que várias pessoas estão envolvidas, cada esfera constrói suas interpretações, expectativas e intenções. Além da visão do cineasta militante e amigo e dos colegas do grupo político, tem os familiares, ligados emocionalmente à “Jaiminho” e felizes por prestarem essa homenagem e rememorarem “o filho”, “o irmão”, “o tio com referência paterna”, tão querido e saudoso. Há ainda “a filha” de Janaína, travesti que representa tantas outras formadas por ela no sentido de fortalecimento de autoestima e o amigo de infância, que admira Janaína pela coragem que teve ao enfrentar a sociedade conservadora de Canindé/CE.

E os *usuários*, quem são? A princípio, responde-nos Becker sobre os usuários de documentários: a quem interessar. Porém, é possível deduzir que *Janaína Dutra: uma dama de ferro* foi produzido para um público em específico. O documentário não tem divulgação e circulação comercial, uma vez que é distribuído pelo próprio grupo que produziu. Esse fato já restringe o alcance.

Outra questão merece ser apontada com relação às interpretações dadas à Janaína pelo documentário. A imagem recorrente da seca, a ênfase dada aos discursos sobre o Nordeste brasileiro como sendo conservador fortalecem estereótipos construídos historicamente sobre essa região. A imagem inicial da chuva no sertão pode ser uma metáfora para falar sobre o surgimento de Janaína no Nordeste. A escolha de uma nordestina, Maria Bethânia, para compor a trilha sonora também produz efeitos de reprodução da imagem construída sobre essa região.

De forma sucinta, é possível descrever a estrutura narrativa do documentário a partir da lógica adotada de início-meio-fim, comentada anteriormente:

**INÍCIO:** Jaime César/Jaiminho – Canindé – Infância/Adolescência – Família – Harmonia Familiar – Masculinidade – Homossexualidade - Androginia.

**MEIO:** Janaína – Fortaleza – Brasil – Amigos – Feminilidade – Travestilidade - Conflitos – Advocacia – Ativismos.

**FIM:** Morte – Canindé – Família – Amigos.

No texto produzido pretendi iniciar reflexões de representações gerais feitas sobre o sujeito escolhido como foco da pesquisa de tese. A estrutura narrativa do documentário pretende seguir o ciclo de vida trilhado por Janaína (nascimento – vida – morte), com acontecimentos eleitos como marcos para representar as fases de sua vida.

Conquanto o documentário seja iniciado pelo discurso de Mirtes sobre a morte de Janaína, não há uma quebra da linearidade da narrativa, apenas uma antecipação do final, com o anúncio do fechamento do ciclo que logo se iniciará. Desta forma, o documentário com ares de biografia endossa o que Bourdieu (1996) chama de *ilusão biográfica*, a saber, construções sobre histórias de vida com a pressuposição de que a vida é uma história inseparável do conjunto de acontecimentos de uma existência individual, historicamente situada. Essa ideia é expressa com a ausência da abordagem de fatos sociais e acontecimentos históricos no documentário. A vivência de Janaína, portanto, é descrita como proveniente de predisposições inatas, uma vez que a ênfase é dada mais ao sujeito focado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, M. e G. GASKELL. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BECKER, Howard S. **Falando sobre a sociedade**: Ensaio sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: **Razões práticas**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

CARDOZO, F. Performatividades de gênero, performatividades de parentesco: notas de um estudo e suas famílias na cidade de Florianópolis/SC. In: **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. GROSSI, M. P, UZUEL, A. P. e MELLO, L. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

## REFERÊNCIA FILMÍCA

ALMEIDA, V. de. **Janaína Dutra**: uma dama de ferro. Fortaleza, 2011.

---